

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Missões / Geral
Data: 29/11/93 Pg.: A12
33R00038

ÍNDIOS

Especialistas criticam missões

Antropólogos e indigenistas dizem que religiosos colocam tradições em risco

MARCO UCHÔA

Antropólogos e indigenistas não poupam críticas ao trabalho de algumas missões que tentam evangelizar os índios a todo custo. Afinal, os índios pagaram tributo muito elevado durante os 200 anos de dominação dos jesuítas. Para eles, os 260 mil índios do País, espalhados em 180 tribos, correm sérios riscos com o trabalho das 53 organizações religiosas que atuam na Amazônia sem autorização e controle por parte da Fundação Nacional do Índio (Funai). Essas missões continuam, mas de uma maneira modernizada, o processo de colonização. "Nem todos os missionários pensam assim, mas a grande maioria quer imprimir um outro ritmo a esses povos, o que é extremamente negativo", afirmou o sertanista Orlando Villas-Boas.

As intervenções dos grupos evangélicos são as mais criticadas. Esses grupos são classificados por especialistas como intransigentes. "Proíbem rituais e fazem pressão para que eles se convertam ao Deus branco", disse Villas-Boas. "Os valores de um povo são constituídos pelo mundo mítico, religioso e mágico, mas esses evangélicos não entendem isso." Para ele, o mundo do índio coincide com o dos homens brancos, mas poucos respeitam isso. "Os dois visualizam as mesmas coisas, o bem e o

PARA AZANHA, OS MISSIONÁRIOS AFRONTAM O CONCEITO DE LIBERDADE DOS INDÍGENAS



Maurilo Claretto/AE

Índio com objetos típicos: continuação do processo de colonização

mal, só que tudo isso acontece de maneira diferente para o índio", explicou. "Nos rituais, os índios demonstram a inteligência cósmica que mantém a harmonia do universo", disse.

Facilidades — O antropólogo Gilberto Azanha, presidente do Cen-

tro de Trabalho Indigenista (CTI), afirma que os índios não podem sofrer pressões para aceitar a verdade que não é a deles. "A chegada das missões confronta com esse conceito de liberdade", afirmou. Como sempre aparecem equipados, com remédios e até alimentos, alguns missionários trocam a aju-

da pela conversão. "O grau de resistência desses índios é pequeno, pois enfrentam dificuldades e acabam aceitando essa condição", criticou. O fato de algumas missões aderirem às traduções do Novo Testamento na língua indígena também é vista como agressão declarada à cultura de uma tribo. "Eles colocam no papel uma língua totalmente oral e quando o índio percebe isso acaba achando interessante", explicou. "Fica muito mais fácil impor uma religião dessa forma uma vez que os índios não criticam nada."

Azanha, que trabalhou no período entre fevereiro de 1980 e o ano passado no cargo de chefe da Coordenadoria Geral de Estudos e Pesquisas da Funai, acredita que uma das alternativas para impedir os excessos das missões é a aprovação de uma portaria para disciplinar o trabalho dos missionários. "Por incompetência do Estado, os índios hoje são obrigados a conviver com missões que se apegam ao caráter humanitário para impor seus conceitos", comentou. "Eles consideram os índios pecadores e realizam batismos em pessoas que não conseguem analisar essas ações de maneira crítica."

O antropólogo Rinaldo Arruda, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC), conheceu os índios Zoro, no Mato Grosso, onde estavam representantes da Missão Novas Tribos do Brasil, que se apresentaram como salvadores. "Depois de aprender a mitologia da tribo, passaram a proibir rituais e colocar os adeptos da religião contra os que não admitiam essa interferência", contou. "Isso é extremamente perigoso." Quando os missionários proibiram os rituais, os Pacas Novas, em Rondônia, se reuniam escondidos para manter a tradição. "Toda a pregação em área indígena é negativa, embora existam missionários mais sensíveis."

Evangélicos usam traduções do Novo Testamento para conversão

Missionários adotam o recurso em mais de 35 tribos da Amazônia

As missões evangélicas têm uma arma poderosa para transmitir seus conceitos aos índios: as traduções. A Sociedade Internacional de Linguística (SIL), com sede em Brasília, desenvolve trabalhos fonéticos e já traduziu e publicou 14 edições do Novo Testamento. Os índios Guajajara, no Maranhão, os Caiua, em Mato Grosso do Sul e os Nambiquaras, em Mato Grosso, foram os mais recentes "contemplados". Até o ano passado, a entidade era conhecida como Summer Institute of Linguistic e desde 1957 já fez contatos com mais de 45 tribos. Segundo John Taylor, presidente da SIL, cada trabalho de tradução demora, em média, 20 anos.

A mudança de nome teve a intenção de proporcionar um caráter nacional ao trabalho. A entidade é formada no Brasil por 180 pessoas, sendo 80 lingüistas, gráficos, técnicos de rádio e de computadores. Para facilitar o trabalho, os missionários dispõem de três aviões. A SIL está presente em cerca de 50 países e foi uma das pioneiras no trabalho de fonética para tradução do Novo Testamento. "Para que os índios

possam ter uma visão melhor sobre a palavra de Deus, traduzimos apenas uma parte do Velho Testamento, mas não forçamos a assimilação desses conceitos", explicou Taylor.

Igrejas espalhadas — Atualmente, representantes da entidade podem ser encontrados em 35 tribos na Amazônia. "Com nosso trabalho não estamos destruindo a cultura de um povo, mas ressaltando seus valores", afirma. "Quando começam a compreender a palavra divina, os índios passam a ser mais índios", exagerou Taylor, que está há 21 anos no Brasil.

Ele afirma que alguns projetos estão parados porque não têm autorização da Funai para entrar em algumas áreas. "Já sofremos muitas perseguições, mas temos um trabalho interessante a mostrar", comentou. As traduções feitas pela Sil são usadas pela Missão Novas Tribos do Brasil, Missão Evangélica da Amazônia (Meva) e pela Missão Cristã Evangélica do Brasil (Miceb), composta por 130 missionários

vindos dos Estados Unidos, Canadá, Suíça, Alemanha e Grã-Bretanha, que iniciaram trabalhos de tradução do Novo Testamento com os índios Caiapós.

A Miceb entrou no País há 50 anos. Em parceria com a Aliança das Igrejas Evangélicas do Brasil (Aiceb) já montou mais de 100 igrejas no Pará, Maranhão, Amazonas, Piauí e Brasília.

Para ele, os índios que não conhecem a palavra de Deus estão desviados do caminho correto, são pecadores. "Não imponho nada, mas com a leitura das palavras divinas eles terão condições de saber o que é pecado", comentou Charles Stoner, presidente da missão. A Associação Linguística Evangélica Missio-

nária (Alem) trabalha em parceria com a Sil. Em 11 anos, traduziram o Novo Testamento para os índios Tembe, no Pará. Atualmente, existem dez projetos de tradução em andamento. "Procuramos ensinar o português e língua deles", explicou João Carlos Alcântara da Silva, presidente da associação. Ele comanda 32 pessoas, todas brasileiras. (M.U.)

TAYLOR: "AO COMPREENDER A PALAVRA DIVINA, OS ÍNDIOS PASSAM A SER MAIS ÍNDIOS"

Entidade dá apoio logístico com táxi-aéreo

As missões evangélicas conseguem entrar com certa facilidade nas aldeias porque têm mais estrutura que a Fundação Nacional do Índio (Funai). A missão Asas de Socorro, que presta serviços de táxi-aéreo, dá apoio logístico a pelo menos cinco missões.

A entidade foi formada nos Estados Unidos por ex-combatentes da 2ª Guerra Mundial. Chegou no Brasil na década de 50 e em 1964 passou a ser uma missão nacional. Com sede em Anápolis (GO) as operações de transporte de missionários, evangelhos, medicamentos e alimentos de outras missões é feito por 30 pessoas. A entidade possui cinco aviões Cessna. Possuem serviço de rádio com 48 estações que funciona por 12 horas nas regiões de Rondônia, Amazonas, Tocantins, Pará e Goiás.

Por ano, são realizados cerca de 1,8 mil vôos. A Asas do Socorro custeia 25% do transporte e o restante é pago pela missão que contratou os serviços. "Todos os vôos são autorizados e procuramos auxiliar o trabalho dos missionários para levar mais rapidamente a palavra de Deus aos mais necessitados", afirma Eunice Bueno Cunha, relações públicas da missão. A Funai, com sérios problemas para impor uma política favorável à preservação dos índios, não consegue competir com a estrutura organizada pelas missões. (M.U.)